

POVO ALGARVIO

SEMÁNARIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telefone 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . 5500
. . . 10 —Para outras localidades. 9500

Composição e Impressão
Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

AVENÇA

Correios, Telégrafos e Telefones

O VALOR e importância dos serviços dos Correios e Telégrafos aferem-se pelas consequências que o mais pequeno detalhe na sua execução ocasiona, e pelo interesse público na forma como os mesmos decorrem.

Na verdade, ninguém repara, ao receber uma carta, na quantidade de mãos que tiveram de encaminhá-la desde o ponto de partida, tantas vezes distante de milhares de quilómetros, até ao local onde a abrimos e a lemos com maior ou menor prazer. A série de operações que é preciso realizar, de pormenores que é indispensável levar a cabo, de cuidados que é necessário conjugar — para que a mais simples carta atravessasse os mares ou cruze os céus e nos venha dar notícias e saudades de um ausente, resposta a muita ansiedade, solução a qualquer problema! Ninguém os conta ao receber o seu correio, ninguém os avalia enquanto o espera, ninguém os imagina quando reclama furiosamente por ter recebido 24 horas mais tarde uma notícia que o interessava — e que seguia num correio de muitos milhões de cartas, que lhe eram inteiramente indiferentes.

Mas a importância do papel que representa um correio bem organizado em qualquer país, aumenta-se ainda e engrandece-se em Portugal — nação espalhada pelas cinco partidas do mundo, com corações e interesses portugueses dispersos e distantes.

Na sua nobre missão de aproximar assim os mais distantes pontos da Terra, transitaram pelos correios portugueses mais de 250 milhões de cartas durante o ano de 1950. No mesmo período, foram de mais de 13 milhões os registos entregues aos seus cuidados, e, de mais de dois milhões o número de encomendas postais enviadas de terra portuguesa.

Para movimentar tão imensa quantidade de comunicações, existem 26.384 funcionários que trabalham em perto de mil edifícios e sobre si tomam a responsabilidade dos mais importantes interesses nacionais.

Rainha D. Amélia

CONFORME está determinado, realiza-se no próximo dia 29 do corrente o funeral de Sua Majestade a Rainha D. Amélia de Orleans.

O seu corpo ficará depositado no Panteão de S. Vicente.

Foi decretado luto nacional, não se realizando nesse dia espectáculos públicos.

O Governo da Nação presta, assim, a derradeira homenagem à desditosa Rainha que, embora tendo buscado exílio na sua Pátria, viveu sempre com o nome de Portugal no coração.

O seu funeral é nacional, sendo-lhe prestadas todas as honras fúnebres como a um chefe de Estado.

INFORMAÇÕES

Foi promovido a fúriel o nosso assinante sr. Leonardo João da Silva e colocado no Regimento de Infantaria n.º 3, em Beja.

Quando aos telefones, dá-se aproximadamente o mesmo que acontece com os correios e telégrafos. A mais pequena demora ocasiona imediatas reclamações, o mais leve engano provoca indignados comentários, a mais ligeira falta pode transformar-se em tremendo prejuízo. Para se imaginar o volume de trabalho ocasionado, bastará dizer que se fizeram (sempre no período acima indicado) cerca de 150 milhões de chamadas urbanas, mais de 14 milhões regionais e perto de 11 milhões inter-urbanas. Para o estrangeiro, fizeram-se 232.271 conversações telefónicas.

Serviços directamente em contacto com o público e de que este beneficia pessoalmente, os modelares serviços dos correios, telégrafos e telefones portugueses merecem que o povo a que dão o seu esforço, o seu zelo, o seu trabalho, lhes retribua em reconhecimento e lhes faça justiça. Tão pronto sempre a queixar-se de qualquer imperfeição notada, tem o público dever de reparar, de quando em quando, na excelência dos serviços de que beneficia. E é natural que não esqueça de os agradecer — a quem proporciona os meios indispensáveis à sua eficiência...

M. L. L.

Homenagem ao Poeta

Cândido Guerreiro

NO próximo dia 3 de Dezembro, o Algarve vai prestar uma significativa homenagem ao eminente Poeta Cândido Guerreiro.

Uma Comissão constituída por poetas e homens de letras promoverá uma interessante festa, que constará da oferta de um banquete, que se realiza no dia 2, pelas 14 horas; e, na noite de 3, data em que o homenageado completa 80 anos, a realização de um saraú, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Faro, pelas 22 horas.

Ambos os actos serão presididos pelo sr. Dr. Agostinho Joaquim Pires, ilustre Governador Civil de Faro.

ECOS DO PASSADO Tavira pré-histórica

É SECULAR o solo que os habitantes de Tavira pisam. Pompónio, Ptolomeu e Plínio mencionaram Tavira, dizendo que foi fundada no ano 2057 antes de Cristo, tendo hoje, portanto, mais de quarenta séculos de existência.

Nesses tempos remotos, o perímetro do actual concelho de Tavira, como todo o Algarve, era uma verdadeira floresta, em que abundava a caça grossa, como ursos, lobos, veados, gamos, zebras, javalis, açores, águias, além dos animais de tiro e sela.

E os tempos foram correndo, e, em Tavira, como em todo o Algarve, as serras tornaram-se escalvadas, e daí as estiagens frequentes, dado o poder das árvores em condensar as precipitações aquosas — árvores, máquinas de chuva. E o rio de Tavira foi na antiguidade um rio caudaloso, que o tempo destruiu, como todos os do Algarve.

Os algarvios fizeram desaparecer à força de braços os seus

pauis alagadiços e as multiplicadas lagoas. E em Tavira, como testemunho dessas desseccagens de pantanos, ainda hoje há sítios com nomes designativos desses tempos, reminiscências de épocas de há muito idas. São eles: a Lagoa dos Cavalos, na freguesia

Por DAMIÃO DE VASCONCELLOS
de Santa Catarina, e o sítio do Paul, na freguesia de Santo Estêvão.

Segundo os cronistas, Homero, o célebre épico grego, esteve em Tavira, de que gabou a excelência do clima e a beleza da paisagem. Ora este poeta viveu no século X, antes de Cristo.

Mais nos dizem os cronistas: que os deuses Hercules, Baco e Osiris estiveram no Algarve e, é claro, em Tavira. Ora isto deve interpretar-se como significando que a religião destes povos era, então, o sabeísmo, ou culto astrolático.

Aqueles deuses: Hércules, Baco e Osiris são três deuses solares, representantes do Sol, ou o próprio astro do dia. E diga-se, aqui de passagem, que, se Baco era em certas mitologias o deus do vinho, noutros era um deus solar; e aqui deve interpretar-se este deus como o deus Sol, no culto astrolático.

Temos, portanto, por concluir que a religião dos tavirenses pré-históricos era a religião do Sol, do Fogo, seu filho, e da Lua, irmã e esposa do Sol.

Hércules, Baco e Osiris eram, pois, os três deuses principais do culto dos tavirenses de antanho, ou, melhor, um deus triemico ou trifurmo, representativo de um só deus, o Sol e de seu filho, o Fogo, tendo associado ao culto solar a sua irmã e esposa a deusa Lua, e estrelas. Era, como disse, um culto astrolático, ou estelar — o Sabeísmo.

Há, todavia, a notar de interessante que vemos nesse culto a semelhança entre o culto dos tavirenses pré-históricos — dos algarvios e lusitanos desses tempos — a semelhança flagrante com o culto egípcio de Osiris, o Sol, e da deusa igualmente egípcia, Isis, a Lua.

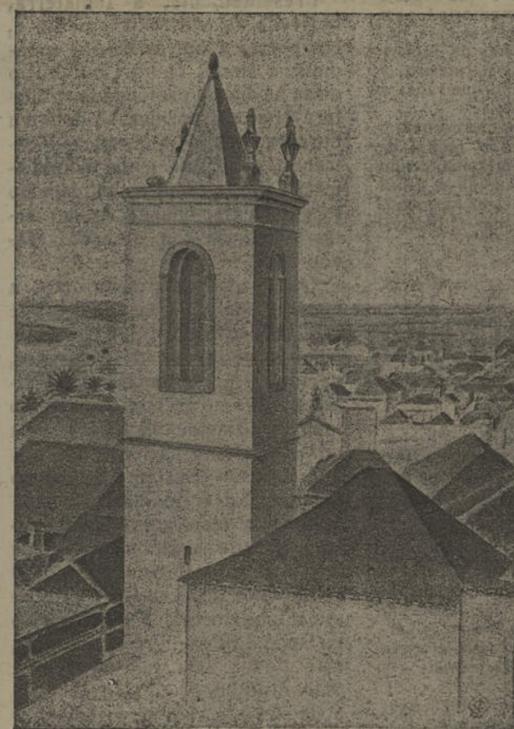
(Conclui no próximo número)

Por esse Mundo fora...

NOTÍCIAS de Londres anunciam uma «atmosfera» amigável entre o governo de Churchill e a Espanha de Franco, e que consistirá na ausência de críticas ao anunciado pacto espanhol-americano e também na ausência de ataques violentos ao regime franquista. Crê-se que esta decisão foi tomada depois de conferências entre o embaixador Primo de Rivera e o subsecretário de Estado dos Estrangeiros.

NUMA mensagem à Sociedade Anglo-Portuguesa de Londres, o chefe do Governo, Winston Churchill, diz que mais uma vez, como nos dias de Wellington, Britânicos e Portugueses se encontram lado a lado na defesa da União Ocidental: «O espírito da nossa antiga aliança ainda vive», declarou — e a camaradagem de séculos é disso uma garantia».

(Conclui na 3.ª página)



Um panorama de Tavira

SUPLÍCIO

Estar ao pé de ti, sem dizer nada...
E ter alma e ter olhos e ter braços;
Nervos que se desfazem aos pedaços,
E a boca sequiosa e torturada!...

Andar ao pé de ti, na mesma estrada
Da vida, e, lado a lado, os mesmos passos!
E sofrer, a sorrir, como os palhaços,
Porque sorrir, até na dor agrada ..

Pudesse eu ser quem sou, ter a coragem
De, num acesso de animal selvagem,
Rasgar completamente o peito e abri-lo!

E tu dirias, trémula de espanto:
«Meu Deus! Como é possível sofrer tanto
E ocultar, sempre, a dor com ar tranquilo?!...»

LUIZ DE MONTE MOR

destina a festa é mais nobre, pois toda a sua receita líquida será entregue ao Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Tavira.

(Conclui na 3.ª página)

Bodas de Diamante da

“Cartilha Maternal”

A CASA do Algarve comemorou em 24 do corrente, na sua sede, pelas 21,30 horas, o 75.º aniversário da publicação da «Cartilha Maternal», com uma sessão solene em que usou da palavra o ilustre académico e distinto Director do «Diário do Lisboa», sr. Dr. Joaquim Manso.

Completo um recital de poesias de João de Deus, pela conhecida professora de declamação, D. Aníta Patrícia, com alguns dos seus discípulos.

(Conclui na 3.ª página)

NA CASA DO ALGARVE

Consagração Nacional ao Infante

A COMISSÃO Cultural da Casa do Algarve comemorou no passado dia 13 o 491.º aniversário da morte do Infante D. Henrique, em Sagres, com uma nova sessão do seu ciclo de conferências e palestras henriquinas, em que usaram da palavra os srs. Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida, Jornalista Julião Quintinha e José Mimoso Santinho, aluno da Faculdade de Direito, aos quais se seguiu a jovem mas já muito apreciada declamadora D. Maria Helena Farmhouse da Graça Mira, aluna da Faculdade de Letras, num magnífico recital de poesias de autores algarvios exortativas da obra do Infante.

Presidiu o ilustre presidente da Direcção da Casa do Algarve, ladeado pelos srs. Comandante José Rodrigues Cosme, que representava o presidente da Comissão Infante D. Henrique da Sociedade de Geografia; Comandante Jaime do Inso, erudito colonial e director do Museu da Marinha; Alfredo Cândido, distinto artista e presidente da Direcção da Casa de Entre-Douro e Minho, e Julião Quintinha, como representante da Comissão Cultural da agrégiação.

Nas suas palavras, Julião Quintinha, antes de se referir aos dois jovens universitários, cuja apresentação fez nos mais calorosos termos, focou os objectivos patrióticos e o sentido prático das manifestações em curso, recordando afirmações do sábio Almirante Gago Coutinho, sobre o dever nacional de se erigir sem delongas o Monumento de Sagres.

A numerosa assistência premiou com uma prolongada salva de palmas as palavras do culto jornalista algarvio e vibrante orador.

Dada em seguida a palavra ao conferencista da noite, sr. José Mimoso Santinho, este, depois de apontar as causas dos Descobrimientos e de se referir á política do mar seguida em Portugal desde D. Afonso Henriques, rendeu homenagem á Família de Avis, dizendo: «Tudo quanto a Pátria portuguesa fez de grande, desde que molhou os pés no Oceano, teve a sua origem na experiência de D. João I, na erudição de D. Pedro, na obra política e cultural de D. Duarte, no sacrificio de D. Fernando e no entusiasmo fanático de D. Henrique.» Certo de que a vocação deste último se manifestou antes da partida para Ceuta, salientou a sua acção nesta empresa e a importância universal dela. Observou em seguida, quais os motivos por que o Infante escolheu o Algarve para centro de gravidade da sua obra, expôs os objectivos deste, criticou os documentos e os autores favoráveis á tese do plano Henriquino da Índia, e os seus adversários, acabando por manifestar-se partidário da atribuição a D. Henrique da glória desta concepção.

Analizou seguidamente os problemas derivados do desastre de Tanager, considerando a solução adoptada pelo Infante em relação ao dilema posto a Portugal, a única possível, editada pela sua consciência de português e pelos

seus sentimentos de cristão.» Frizou que Ceuta foi portuguesa até 1580 sendo a única das nossas praças do norte de África que ficou sob a bandeira espanhola após a Revolução de 1640. Comparando o destino de Ceuta com o de Olivença, apontou razões de natureza histórica, espiritual e jurídica que favorecem mais esta reivindicação de Portugal.

Considerou a explicação de Prestage a que melhor interpreta a aparente indiferença de D. Henrique pelos acontecimentos que precederam o recontro de Alfarrobeira e classificou de «mais sensata» a afirmação de Damião Peres ao considerar a Serra Leoa o termo das navegações henriquinas. Estudou a obra de Villaud, cujas afirmações considerou falsas, achando que o problema da prioridade dos descobrimientos ficou arrumado sobretudo depois dos trabalhos de Major, Santarém e Roncière.

Dedicou o penúltimo capítulo á apreciação da «Escola de Sagres», que afirmou não ter existido, no sentido académico, pronunciando-se a favor de um «convívio da teoria e da prática de que resultou a organização científica dos Descobrimientos e que preparou o apogeu da ciência náutica peninsular», salientando a dificuldade que há em separar, nas consequências dos Descobrimientos, a parte que se deve ao Infante e a que é devida a D. João II, enumerou alguns progressos tanto de ordem prática como de natureza científica, sem dúvida atribuíveis ao primeiro. afirmou depois que «a plêiade de colaboradores da obra ultramarina, desde o Infante ao mais humilde moço de convés, tem o seu lugar no quadro de honra da Nação. Mas á cabeça desse quadro, pela qualidade e pelo ineditismo do seu trabalho, não é justo inscrever outro nome que não seja o do Infante de Sagres». E assim, concluiu, da mesma maneira que Péricles, Augusto e Luis XIV deram o nome aos séculos em que viveram, também Portugal deve chamar ao século XV «O Século do Infante D. Henrique».

A terminar, fez a seguinte afirmação sobre o monumento a erigir em Sagres: «Não temos conhecimentos de Arquitectura para podermos fazer sugestões sérias mas isso não nos impede de visionarmos o Infante com formas humanas, no cimo dum pedestal altíssimo, erguido na ponta de Sagres, de maneira que os estrangeiros que nos visitarem possam contemplar aí uma das maiores figuras da humanidade e que a gente de Portugal que ao promontório for em peregrinação possa ainda e sempre, ouvir da sua boca as palavras de comando tantas vezes ditas aos marinheiros: «Portugueses! vos ordeno que vades o mais avante que puderdes.»

Serenados os aplausos que coroaram tais palavras, seguiu-se o recital de exortação da obra henriquina, tendo sido vibrantemente aplaudida a gentil declamadora D. Maria Helena Farmhouse da Graça Mira, em todas as composições apresentadas.

Evocação de Coelho de Carvalho

Esta Casa também realizou, em 17 do corrente, na sua sede, uma Sessão Cultural integrada nas actividades da Comissão respectiva, em que foram evocadas a figura e obra de Coelho de Carvalho, perante selecta assistência, numa conferência realizada pelo distinto escritor e dramaturgo, sr. Dr. Luis de Oliveira Guimarães, seguida de um recital de poesias do evocado, pela gentil declamadora algarvia, aluna da Faculdade de Letras de Lisboa, D. Maria Helena Farmhouse da Graça Mira.

Feita a apresentação, pelo presidente da Direcção da Casa do Algarve, sr. Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida, o Dr. Luis de Oliveira Guimarães, depois de agradecer o convite para falar na Casa do Algarve, disse que não era a primeira vez que entrava naquela Casa, mas que, sempre que nela entrava, tinha a impressão de que entrava no próprio Algarve, aspirava o perfume das Amendoeiras e se extasiava ante as maravilhas da sua paisagem. Logo acrescentou, porém, que não iria ocupar-se, desta vez, do Algarve, mas dum algarvio, a muitos títulos ilustre: poeta, historiador, dramaturgo, ensaísta, professor da Escola de Arte de Representar, reitor da Universidade, presidente da Academia das Ciências, figura invulgar que a poeira do túmulo não fez esquecer e cujo centenário do nascimento passa dentro de meia dúzia de meses: «Coelho de Carvalho.» Já é tempo — afirmou então o conferencista — de ir lembrando o facto e pensando, quer em Lisboa, quer no Algarve, na forma de o comemorar. O Dr. Luis de Oliveira Guimarães contou, em seguida, como conheceu Coelho de Carvalho e descreveu a visita que lhe fez no Castelo de Arade, onde o poeta se havia instalado, á maneira de um romântico senhor feudal, com os seus sonhos, os seus livros, e os seus cães. Evocou depois, com o sabor anedótico que lhe é peculiar, as sucessivas fases da vida de Coelho de Carvalho, desde os seus tempos de estudante de Direito, em Coimbra, quando por lá pontificavam João Penha e Gonçalves Crespo, até ao seu último período no Castelo de Arade. O Coe-

lho de Carvalho, advogado, político bem como o Coelho de Carvalho homem de letras e homem de espírito — o Coelho de Carvalho da Academia das Ciências e o Coelho de Carvalho das mesas do *Martinho* e da *Brasileira* do Chiado — passaram, assim, na palavra do distinto conferencista — num mixto de admiração e de anedota. O orador terminou por contar alguns episódios, porventura inéditos, da vida de Coelho de Carvalho, em que o insigne algarvio surge, com a sua filosofia e o seu cachimbo, as suas barbas pluviais e a sua graça maliciosa.

A numerosa assistência, em que figurava, em lugar de honra, o representante da Academia das Ciências, sr. Dr. Joaquim Leitão, premiou o trabalho do Dr. Luis de Oliveira Guimarães de uma prolongada salva de palmas, seguindo-se o recital de D. Maria Helena Farmhouse da Graça Mira, que foi também muito aplaudida em todos os seus números.

O presidente da Casa do Algarve, terminada a conferência, salienta o interesse da mesma e saudou o ilustre Director do «Correio do Sul», sr. Dr. Mário Lyster Franco, que tem o prazer de ver entre a assistência. Este, no seu agradecimento ás palavras de homenagem que lhe são dirigidas, felicitou também o conferencista pelo seu apreciável trabalho e lê em seguida um curioso documento, que possui, relativo á paternidade e terra natal de Coelho de Carvalho.

FUTEBOL

Hoje, realizam-se os seguintes jogos:

Em Portimão: Portimonense-Farense. *Em Olhão:* Olhanense-S. Domingos. *Em Beja:* D. Beja-Lusitano. *Em Elvas:* Elvas-Portalegrense. *Em Évora:* Juventude-União Sport.



O Rei Jorge VI passa revista aos soldados Indígenas

A Agonia do Colosso Britânico... e o Carácter Nacional do Povo Inglês

O NOVO chanceler do Tesouro da Grã-Bretanha, R. A. Butler, em plena Câmara dos Comuns, disse: «A Grã-Bretanha ficará paralizada, faminta e falida se não forem tomadas medidas imediatas para remediar a sua situação financeira.»

Assim fala o Ministro das Finanças do império maior do Globo e da nação outrora mais poderosa e mais rica do Mundo, o que á primeira vista subentende-se que o Colosso Britânico está agonizante. Certamente que pouca gente se recordará que as mesmas palavras foram proferidas há tempo por Herbert Morrison ou por Ernest Bevin, ministros que foram do governo trabalhista; mas a Inglaterra venceu a grave crise que quase a levou á bancarrota.

Presentemente, a Inglaterra, derivado ao seu rearmamento e, em parte, a outras causas mundiais, e ainda, como Churchill o disse há dias, á prolongada atmosfera eleitoral em que se debateu durante quase dois anos — entrando em conta a má administração do governo trabalhista no tocante á nacionalização de certas indústrias — a situação agravou-se.

Quem conhece, como nós, a história da Inglaterra, sabe que esta tem vencido todos os obstáculos e todas as crises graves, devido á persistência caracterizante do seu grande povo, cujo fulcro é a união. O Inglês criou um sentimento nacional comum.

A ameaça constante do perigo exterior foi o melhor dos elementos, a mais aperfeiçoada escola da sua disciplina e da sua união sem desfalecimentos. O sentimento desta união é o traço mais fundamental e mais característico do Povo Inglês. Assim, este povo, pela sua coragem e pelo orgulho de uma raça forte e decidida, é um povo superior aos outros povos, uma nação que se predestinou para grandes feitos e empreendimentos no Mundo.

A Nação inglesa está neste momento dando a todo o Mundo o maior exemplo de sacrificio dum povo que quase ficou arruinado por se ter batido pela liberdade do mundo livre. O Inglês realiza aquilo a que se tem chamado a concepção heróica da vida. Assim, lutando contra as potências adversas da natureza exterior, assim lutará, na sua consciência, contra potências inimigas ainda mais formidáveis.

Nem os naturais adversários do individualismo e do liberalismo podem deixar de admirar a coragem, o desprendimento, o heroísmo com que eles espantam o Mundo, pela sua união, quando querem vencer uma dificuldade real — como agora — para a sua existência de nação forte e livre. Os interesses imutáveis da nação estão acima das amizades e de inimizades. O Inglês não é, porém, um conservador, mas

um ser agarrado á tradição na medida em que se submete ao instinto e á Natureza, apesar de que esta não é para ele um guia e menos ainda um modelo invariável, para deixar vivê-lo segundo as leis da Natureza, obediente ás suas determinações mais profundas.

A sua Constituição Política é das mais liberais do Mundo. A sua fórmula: «o Rei reina mas não governa» é admirável ilógismo praticamente posto em acção. No Parlamento, a opposição não é tomada como um inimigo, faz parte da orgânica do Estado; e opositor, segundo o sistema, é como um dos bons colaboradores.

O marxismo é impraticável na Inglaterra.

Tudo no Povo inglês é inglês. Nem marxismo, nem socialismo, nem democracia á maneira continental. Não existe subordinação. Há cooperação e coordenação. Na Inglaterra, a vida parlamentar não subsiste inamovível, mas adapta-se ás exigências e ás vicissitudes da História. Todas as modificações aprovadas pelo Parlamento não tendem nunca a diminuir as condições da liberdade do Povo inglês, mas sim a aumentá-las ou a consolidá-las.

E, assim, com um povo desta natureza, com um dirigente como Churchill, com a fidelidade incontestável dos Domínios e com a cooperação dos Estados Unidos, a Inglaterra salvar-se-á das dificuldades presentes, para interesse do mundo livre — por quem continuará batalhando sem desfalecimento — pois a ordem e o equilibrio das suas finanças será factor primordial para a segurança e defesa colectivas.

Manuel Francisco Contreiras Júnior

Livros e Revistas

«O Mundo de Aventuras» — Acaba de se publicar o n.º 119, desta revista que faz as delicias de moços e velhos. O presente número publica, em separata, uma fotografia colorida duma fase do jogo Sporting-Belenenses, onde se vêem Jesus Correia e Serafim, na disputa da bola.

TROVA

Se não fosse a ilusão...
Eu sei lá o que seria...
Talvez o meu coração
Nunca tivesse alegria!

«Claró»

Noticias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—Sr. Manuel dos Santos Prado. Em 27—D. Maria Ponce de Castro Centeno, D. Maria Ludovice Gonçalves Santana, D. Adélia Pereira Gonçalves, Mle. Odete Lopes Rodrigues, srs. António Guimarães Xavier e José Rodrigues Santos.

Em 28—D. Beatriz Guimarães de Almeida Marques Freire, D. Rosa da Conceição Faleiro, D. Maria Eduarda Pires Dias, D. Idalina Guerreiro de Sousa e D. Julieta da Fonseca Soares Centeno.

Em 29—D. Maria Josefina Pimentel Guerreiro, srs. José Rodrigues Horta e Joaquim Henrique Costa.

Em 30—Mle. Maria Fernanda Silva, Mle. Zélia da Conceição Vaz, srs. José Joaquim Ferreira, Domingos José Soares, Arménio José Costa de Andrade, Bebiano António Marçal, José Joaquim Justino Zacarias, Daniel da Cunha Dias e Armando Nobre.

Em 1 de Dezembro—D. Maria Dulce da Encarnação Pires Coelho, D. Maria Lúcia Melo e Horta, Mle. Irene da Natividade Cavaco, D. Maria Albertina Costa de Andrade, srs. António Peres Carrocho, Marcelo Chagas Cansado e Capitão Manuel Vidal Lopes.

Partidas e Ohogadas

Com sua esposa, foi á Capital o nosso prezado assinante sr. Dr. Gonçalo Bandeira Pessanha, médico, nesta cidade.

—Vimos nesta cidade os nossos prezados amigos srs. Reverendos Padres Carlos Patrício e José Gomes da Encarnação, respectivamente Director e Administrador do nosso camarada «Folha do Domingo», que se publica em Faro.

—Esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Cónego Dr. Manuel Delgado, digno prior da freguesia de Olhão e grande benemérito daquela importante vila algarvia.

—De visita a sua filha e genro, foi á Capital o nosso assinante sr. Joaquim Patarata, proprietário, na Luz de Tavira.

—A fim de assistir ao Congresso da União Nacional, seguiu para Coimbra o nosso prezado amigo sr. Dr. Ovídio Máximo de Oliveira Bomba, Médico Veterinário Municipal, desta cidade.

—Quase restabelecido da grave doença de que foi acometido, tivemos o prazer de abraçar, já nesta cidade, o nosso velho e querido amigo sr. José Viegas Mansinho, proprietário, que, em companhia de sua esposa e de seu filho, sr. Dr. Eduardo Mansinho, regressou há dias de Lisboa.

Fazemos votos pelo seu rápido e completo restabelecimento.

—Com sua esposa, foi á capital, donde já regressou, o nosso assinante sr. Joaquim Fernandes Campina, chefe das oficinas da Junta Autónoma dos Portos de Sotaventos do Algarve.

—A fim de consultar a medicina, foi á capital o nosso prezado amigo sr. Luis Rodrigues Coelho, chefe da Estação da C. P., aposentado, que felizmente já se encontra melhor da grave doença de que foi acometido.

—Com sua esposa, já retirou para a sua casa, em Lisboa, o nosso conterrâneo e prezado amigo sr. Coronel Jaime Pires Cansado.

—No gozo de licença, vimos nesta cidade o nosso assinante sr. Manuel José Félix Diogo e sua esposa, de Lisboa.

Neurologia

No dia 22 do corrente, faleceu nesta cidade a sr.ª D. Maria do Carmo Centeno Trindade da Franca, esposa do sr. Sebastião Trindade da Franca, sub-delegado do Procurador da República, nesta comarca.

O seu funeral, que se realizou na tarde de 23 para o cemitério do Calvário, foi bastante concorrido.

A família enlutada, a expressão do nosso pesar.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.



A bordo de um Cruzador Britânico

«FOGACHO»

de Jarmila Baptista

MARCOS Ferreira continuava sentado ao canto do luxuoso restaurante e parecia estar disposto a não sair dali. Só, com o clássico jornal entre os dedos, parecia estar calmo, até indiferente. Mas, mesmo sem querer, aparecia-lhe na frente a figura do «Fogacho», a fazer-lhe negações.

Vê-o ainda como na manhã anterior, quando lhe lançara a última gargalhada, mesmo ao voltar da esquina — corpo gingão a dançar dentro do fato macaco debolado e largo, boné se-bento, sapatos (se ainda se lhe pudesse chamar assim, sem ironia) já sem cor.

Mas, sempre a mesma cara alegre, os mesmos olhos travessos que sabiam mentir, jurando, e que sabiam odiar, sorrindo; a mesma boca desdenhosa e alegre, gatata e cílica — O Fogacho de há dois, de há cinco anos; o Fogacho que lhe fugira do seu próprio quarto naquela manhã, quando o tentara agarrar.

Sim. Ainda o via fugir pela janela do rés-do-chão, enquanto ele, atônito, se convencida de que fora roubado.

E, afinal, que podia fazer? Queixar-se?

Não, não sentia coragem. Então ele, a quem chamavam para apanhar este ou aquele, ia pedir que apanhassem o Fogacho?

Não. Restava-lhe correr para o apanhar.

E ainda foi a tempo... de o ver ao dobrar da esquina, de ouvir e receber a bofetada da sua gargalhada trocista e vitoriosa, até mesmo traquinas...

Agora, ao ler a página humorística (que obteve resultado contrário), sentiu acordar todo o mau humor, todo o despeito e raiava adormecidos naquele instante.

Os olhos escuros fixavam-se com zangna naquela notícia, que só ele e Fogacho compreendiam:

«Ao RESTAURANTE MIBOR — Para comemorar uma herança», encomenda-se um jantar para o Zé Fogacho».

E Marcos ficara quase sufocado. Era mais uma brincadeira! Sabendo que era aquele o seu restaurante predilecto, queria afrontá-lo, talvez para se rir à sua custa!

— «Mas não se há-de rir» — E o tempo da mesa tremeu, ao sentir o peso da mão raivosa, que assim desabafava a ansia de sovar alguém que andava a brincar com o jovem polícia.

A senhora alta e loura, que estava sentada na mesa em frente, olhou-o com espanto, os olhos pardos cheios dum medo infantil. Fechou o livro quase com pressa, encolheu os ombros num ar de incompreensão e desandou, voltando a olhá-lo com receio, julgando-o um louco.

E fugiu, ao chegar à rua, pensando que o homem falara com ela. Sim. Realmente, não lhe ficava bem aos seus quarenta anos, embora oxigenados, começar a rir ali, num restaurante onde se respirava o ar sério das pessoas enfatuadas, que fingiam uma preocupação.

Mas o mais engraçado, o que a fazia pensar que era um louco, é porque ela não sentia vontade de rir; pelo contrário, sentia bem no íntimo a derrota da sua longa carreira.

A água oxigenada já não cobria o esbranquiçado daqueles cabelos, cansados de renegar a cor primitiva; o «Pond's» já não queria cobrir as rugas denunciadoras da idade oculta; a boca já se negava a sorrir — contorcia-se, revoltada, imitava-a a ela, a corista; as pernas, talvez irritadas de tanto ar livre e luzes de ribalta, faziam caretas, resesando os músculos já duros e cansados...

Que lhe restava?

Um par de olhos e de mãos cansados de mentir, um nome que também mentia — tudo nela era cansaço e mentira.

E porque lhe gritara o homem: — «Mas não se há-de rir» —? Mas ela havia de rir, e ria,

agora que estava longe do homem do restaurante, das suas mãos que sabiam fazer tremer a mesa, dos olhos escuros que gritavam tanto despeito e cinismo. Tinha pena que a não pudesse ver desobedecer-lhe...

Marcos nem sequer reparara nela. Só vira entrar um homem alto, de andar gingão — era ele, decerto, o Zé Fogacho.

E, desejoso de que o outro o não visse, ergueu-se e foi sentar-se mais além, na sombra, escondido dos olhos que o quisessem descobrir. Começou a espiar todos os movimentos do outro, que se encostara ao balcão.

A certa altura, viu-o rir com gosto, poisar as folhas já amareladas e mover lentamente os olhos pela sala.

Procurá-lo-ia?

Viu-o fitar os dois homens que discutiam acaloradamente, mesmo em frente. Tinham acabado de chegar e preparavam-se para saborear a refeição fumegante que o criado servira.

De repente, o corpo gingão começou a mover-se, saiu e tornou a entrar, daí a minutos, para se sentar com calma à mesa que fora abandonada pelos dois homens, chamados com urgência ao telefone.

Marcos ficou boquiaberto. Então fora aquele o jantar encomendado à maneira de anedota? Pressenti-lo-ia ele ali e estava a trocá-lo?

Zé Fogacho comeu, com sofreguidão, a sopa, o peixe assado no forno, os clássicos bijes com batatas fritas, tudo regado com o vinho espumante, de tons irrisados. Saboreou a fruta; estendeu a mão à pasta que estava sobre uma cadeira...

— «Quel heure est il, s'il vous plait?»

Marcos fitou o altivo Francês com raiva e praguejou malcriadamente, enquanto erguia os punhos cerrados, pronto a castigar o importuno.

— «Perdon, monsieur» — e, com uma vénia airosa, o outro deslizou mansamente, não conseguindo compreender a atitude do Português.

Este fitou a presa com curiosidade, e viu-a erguer-se com rapidez. Alcançou a porta em curtos segundos e lançou-se numa corrida, avenida acima, enquanto os dois homens voltavam à mesa, irritados.

Marcos compreendeu, num segundo, a nova partida do Fogacho...

Empurrou a mesa com brutalidade e ei-lo, avenida acima, também numa corrida. O despeito por ter sido roubado, a ansia de vingança, o desejo de mais um triunfo, quase lhe dão asas. E o Zé sempre fugindo... até que pára, julgando-se só. Mas já tem a segurá-lo os punhos fortes do polícia que ri, num riso de vitória — já sente o prazer da vingança.

Mas, o Fogacho não treme, não tem medo — segue-o, silencioso, mas o sorriso trocista continua a bailar-lhe nos olhos travessos.

Entra na esquadra de cabeça alta e mantém a mesma atitude diante da cela. Tem a certeza que o «Sr. Ferreira» nada dirá do roubo que lhe fez (o brio profissional e o amor próprio, fá-lo-ão estar calado).

Revê a facilidade com que o enganou e, mesmo sem querer, lança uma gargalhada — gargalhada que o faz acordar do alheamento em que está.

E com dificuldade, muito lentamente, que começa a ouvir.

Fala com ele, sim. Mas a gargalhada que ainda paira no ar, faz irritar Marcos, que lhe grita:

— «Diz que é mentira, se és capaz, cara sem vergonha. Não negues, eu vi. Entraste no restaurante, para examinares o ambiente, e foste fazer aquela chamada telefónica, para afastares os homens. Depois, aproveitaste a ausência deles e engoliste-lhes

Polícia de Segurança Pública FARO AVISO

Pelo presente, ficam avisados todos os detentores de armas devidamente manifestadas, residentes na área deste Distrito, de que devem requerer as competentes licenças de uso e porte de armas ou detenção no domicílio.

Ficam também avisados todos os possuidores de licenças de uso e porte de armas de caça, defesa e recreio, de que devem requerer as renovações das referidas licenças durante o mês em que termina a validade, podendo serem também requeridas durante os 30 dias seguintes à caducidade das mesmas licenças, mas com motivo justificado.

Aqueles detentores de armamento que não desejem renovar as suas licenças, quer por terem feito venda ou doação das suas armas, quer por motivo de inutilização ou extraviado das mesmas, devem comprovar, junto da autoridade que concedeu as licenças, o destino dado às citadas armas, nos prazos acima mencionados.

A falta de cumprimento desta determinação, é punida nos termos do Decreto-Lei n.º 37.313, de 21 de Fevereiro de 1949.

Jogos Florais em Tavira

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

A festa realizar-se-á, possivelmente, no Ginásio da Escola de Pesca, gentilmente cedido pelo sr. Comandante Henriques de Brito.

A Direcção da Sociedade Orfeónica de Amadores de Música e Teatro, auxiliada por um grupo de amigos daquela Sociedade, vai, pois, realizar mais um grandioso certame poético; e, assim, reacende uma tradição que com bastante brilho criou.

A quadra escolhida para mote, da autoria do nosso Director, é a seguinte:

Os teus olhos sonhadores,
Que são a graça dos meus;
Não querem morrer de amores;
Vivem na graça de Deus...

o jantar. Mas destas não escapas, grande...

Nova gargalhada rompeu o ar, e o Zé ripostou:

— O Sr. Ferreira, o sr. está enganado. Então julgou que eu ia roubar um jantar no restaurante, depois de o ter visto mudar de lugar? Não, senhor. E, demais, eu já sabia a vontadeinha que o Sr. me tinha! Eu paguei o jantar àqueles sujeitos, e bem pago: — meti-lhes uma nota de quinhentos escudos na pasta, e bem fresquinha que ela era! Foi dum herança. E, se não acredita, telefone e pergunte se lá não ficou a nota. Eu espero.»

O polícia ficou atônito. Nada disse, mas os olhos esgazeados e o ar apavorado que exprimia, falavam por ele.

Automáticamente, pegou no auscultador, pediu um número esperou.

— Fala o polícia Marcos Ferreira e pede que se examine uma pasta que ainda deve estar sobre uma cadeira, da mesa dos senhores que aí estavam a jantar.

Seguiu-se um silêncio, e uma voz veio cortar o ruído das fichas que as telefonistas manipulavam.

— Na pasta estão vários documentos e uma nota de quinhentos escudos. Quer que acautele? Os senhores saíram a seguir ao telefonema que receberam, e ainda não voltaram.»

Marcos não respondeu. Não desligou o telefone, que ficou a repetir:

— «Está? Está lá?»

Com o desespero quase indiferente com que um jogador perde a última nota, deante do pano verde, assim ele perdia a última jogada.

Cabeça descaída, mãos quase sem força, abriu a porta ao Zé Fogacho, que lá se foi a rir...

O telefone retiniu de novo, e uma voz cortante e rápida chegou aos ouvidos de Marcos, que empalideceu. As mãos crispavam-se furiosamente e em seguida largaram o auscultador, num gesto de raiva incontida.

Parecia que ia explodir, e as pragas foram juntar-se à voz cortante e rápida, que repetia, incansavelmente:

— «Está? Está lá? Olhe que é de importância. Fora o jantar, levou a carteira com 60.000\$00. Deixou somente 500\$00.»

PELA CIDADE

Farmácia de Serviço — Encontrase de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Simplício.

Teatro António Pinheiro — Espectáculos da Semana — Matiné, às 15 horas; Soirée, às 21 horas.

Hoje, apresenta em duas sessões o maior filme português *Sonhar é Fácil*, o filme que melhor cabe no coração dos portugueses.

Sonhar é Fácil é uma história cheia de humanidade e ternura, com os célebres artistas do cinema nacional António Silva, Laura Alves, Santos Carvalho, Eugénio Salvador, Emília Vilas, Emílio Correia e Artur Agostinho. *Sonhar é Fácil*, uma sensacional película portuguesa de êxito.

Quarta-feira, a grandiosa película de êxito *Abrço Mortal*. Um homem que tinha duas personalidades distintas. Os dramas que representava no palco transformaram-se no drama da sua vida.

A criação máxima de Ronald Colman no filme onde conquistou o primeiro prémio de interpretação. O homem que viveu no palco o drama da sua vida. O drama assombroso de uma criatura estranha. Um espectáculo que dificilmente será ultrapassado, com: Ronald Colman, Signe Hasso e Edmond O'Brien.

Em complemento, *Brutalidade*. Grandiosa e fantástica visão do mais terrível inferno humano.

Um drama em cada alma ansiosa por quebrar as algemas. A tragédia de milhares de homens em luta contra a lei que lhes trocou o nome por um número, com os grandiosos artistas Yvonne de Carlo e Burt Lancaster. Sangrenta revolta de profissionais do crime dentro de uma grande penitenciária bem guardada.

Sábado, a mais desconcertante fábrica de gargalhadas que o cinema apresentou até hoje.

As aventuras e desventuras de Bud Abbott e Lou Costello, com Boris Harloff, no filme que reúne a mais completa série de situações cómicas: *Abbott e Costello Entre Assassinos*.

Costello — acusado de homicídio, perseguido por terríveis criminosos e vivendo num hotel onde sucedem os casos mais estranhos.

Em complemento, *Imigrantes Clandestinos*, com Howard Duff, Marta Toren e George Brent. A perseguição a uma tenebrosa quadrilha que efectuava a entrada ilegal de estrangeiros nos Estados Unidos.

Uma adorável rapariga, cujos lábios, tanto podiam ser o pasaporte para a liberdade como o caminho para a destruição.

Companhia Rafael de Oliveira — Na passada semana, além da representação «Jesus Nazareno», a que já nos referimos, esta Companhia mimoseou o público com duas excelentes representações: «A Fera», de Ramada Curto, e em *réprise*, «Duas Causas».

São duas peças de grande categoria, e cuja representação foi excelente.

A cabeça destes dois espectáculos, figura o grande artista, que é Eduardo de Matos.

Incontestavelmente, ele é uma grande figura do nosso teatro declamado, pois ainda há poucos dias, num artigo publicado num diário da capital, a propósito do teatro dos estudantes, um crítico teatral, referindo-se à peça «As Duas Causas», dizia que em Portugal só a sabiam defender os artistas Alves da Cunha e Eduardo de Matos, o qual neste momento andava em tournée pela província.

Em «A Fera», Eduardo de Matos faz-se sobressair no ingrato papel de D. Diogo. Foi magistral, e o público soube aplaudir-lo emocionado. Lizete Frias é outro nome de cartaz da Companhia, pois sabe fazer vibrar a pla-

teja nos papeis que incarna.

E' uma artista de raça, que o tempo e a crítica hão-de assinalar e elevar a glorioso pedestal.

«A Fera» é, incontestavelmente, uma daquelas peças que se vê, com muito agrado, mais de uma vez; e esperamos que a Companhia, no número das suas *réprises*, não esqueça.

Hoje, apresenta a Companhia a peça extraída do romance popular «A Rosa do Adro», excelente drama em 3 actos, curiosa e magnífica adaptação teatral de Henrique Macedo Júnior.

«Rosa do Adro» é uma daquelas peças imortais que vibram na alma do povo.

Vai, pois, o nosso público ter ocasião de apreciar uma obra consagrada, que o tempo jamais conseguirá apagar.

«Rosa do Adro» é um romance que todos leram, anda nas bocas do povo; e, por isso, é de esperar grande afluência de público, pois, por preços tão acessíveis como os do Teatro Desmontável, não é possível assistir-se na província a um espectáculo teatral da categoria daqueles com que a Companhia Rafael de Oliveira tem mimoseado o nosso público.

Por esse Mundo fora...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

APÓS a grande vitória peronista sobre os radicais, o Presidente Peron reassumiu as funções de Chefe de Estado na Argentina, depois de ter estado afastado durante a campanha eleitoral. Até agora, Peron obteve 4 651.999 votos contra 2.358.977 do Dr. Balbin. Os trinta membros do Senado serão peronistas; e, na Câmara dos Deputados, espera-se que, dos 149 lugares, 135 pertençam aos partidários do General.

EM BELGRADO, foi assinado um acordo para auxílio militar americano à Jugoslávia, especialmente por meio de equipamento, devendo o governo jugoslavo utilizá-lo exclusivamente para a promoção dos propósitos da Carta das Nações Unidas e para o reforço das defesas do país contra a agressão. A Repartição de Informações Jugoslava encareceu o acordo, «esforço para promover a paz e a segurança».

USANDO da palavra na Assembleia das Nações Unidas, Van Zeeland declarou que os países ocidentais só interromperão o seu rearmamento quando a paz estiver garantida. E depois de dizer que não pretendia começar nas sessões da referida Assembleia um processo para averiguar a quem cabem as responsabilidades, afirmou que «não fomos nós, todavia, quem começou o rearmamento».

FOI tornado público o que o Presidente Truman classificou «o acto mais bárbaro deste século» o massacre de treze mil prisioneiros aliados, dos quais cinco mil americanos, e mais de duzentos e cinquenta civis coreanos, efectuado pelos comunistas. Foi grande a indignação causada, tendo diversas individualidades pedido a utilização das armas atómicas como resposta a tão repugnante acto.

EDEN declarou nos Comuns que a autonomia do Sudão será estabelecida em 1952, escolhendo o seu regime e as relações que manterá com o Egipto e a Grã-Bretanha. Entretanto, este país assumirá a defesa da segurança sudanesa. Por outro lado, um informador do Departamento de Estado norte-americano disse que os Estados Unidos não reconhecem ao rei Faruk o título de soberano do Sudão.

IMPARCIAL

Construção de Casas Económicas

A cooperativa de construção «O MEU MUNDO» na Rua do Crucifixo, 76-1.º Dto., em Lisboa, constrói casas económicas para classes de 50 a 300 contos. Uma casa rústica, não custa mais de 50 contos. Escreva pedindo informações a «O MEU MUNDO», R. do Crucifixo, 76-1.º Dto., em Lisboa.



GABARDINES - SOBRETUDOS CANADIANAS-IMPERMEÁVEIS

TRINCHEIRAS PARA CIVIS E MILITARES

Impermeáveis para senhoras com forro escocês de lã e capuz. A grande marca americana «SLAV», apresenta os seus novos tipos para o ano de 1951-52.

Modelos práticos, elegantes e impermeáveis

VESTUÁRIOS DE CABEDAL

Capas, Casacos e Blusas de cabedal para a cidade, automobilistas e motociclistas.

A MAIS ANTIGA MARCA = OS MAIS BAIXOS PREÇOS

VENDAS A DINHEIRO E A PRESTAÇÕES MENSIS

AGENTE:

União Comercial Tavirense "UNIL"

Rua de Estácio da Veiga, 19 — TAVIRA

TRIBUNAL JUDICIAL
COMARCA DE TAVIRA

Anúncio

2.ª Publicação

Faz-se saber que no dia 25 do corrente, pelas 11 horas, á porta da Secretaria Judicial do Tribunal desta comarca, vai pela 1.ª vez á praça, para ser arrematado por quem maior lance oferecer acima do seu valor matricial abaixo indicado, o seguinte prédio penhorado nos autos de Execução Fiscal Administrativa que a Fazenda Nacional move ao seu possuidor, o executado Manuel Eugénio Pereira, funcionário público e proprietário, casado com D. Olga Mendonça Bailarim Pereira, moradores em Faro:

PRÉDIO

Prédio urbano composto de r/c e 1.º andar, com vários compartimentos, 2 quintais e poço de água, na R. Dr. Miguel Bombarda, com os n.ºs 38 e 40 de policia, e Trav. Dr. Miguel Bombarda, com os n.ºs 2, 2-A, 4, 6, 8 e 10 de policia, freguesia de Santiago, desta cidade, descrito na Conservatória sob o n.º 10.137 e inscrito na matriz sob o art. 37, com o rendimento de 8.910\$ e o valor matricial de 213.840\$.

Pelo presente são citados quaisquer crédores incertos e desconhecidos do executado para deduzirem os seus direitos na referida execução.

Tavira, 12 de Novembro de 1951.

O chefe da secção,

José António dos Reis Palma

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

Hernani Gil Cruz de Campos e Lencastre

MERCEARIA

Bem afreguesada, trespassa-se por não se poder estar á testa.

Dão-se facilidades. Tratar com viúva de Manuel Vila Nova, na Rua Almirante Reis, n.º 205 — Tavira.

CASA

na Praia de Monte Gordo

Vende-se. Nova, isenta de contribuição predial por 5 anos, com vários compartimentos, quintal, poço de água potável e canalização de esgotos.

Nesta Redacção se informa.

JOP

JOPINHAL

Vinhos de mesa

Aparelho de Telefonia

Em segunda mão, marca Telefunken, em bom estado, vende-se barato.

Nesta Redacção se informa.

CASA

Em Tavira, vende-se. Rua D. Paio Peres Correia, n.ºs 47, 49, 51 e 53. Grande quintal. Três baixos. Saída para duas ruas. 1.º andar devoluto.

Trata-se na Tabacaria Santos — Tavira.

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

Apresenta diariamente, os mais interessantes modelos de calçado, confeccionados nas mais especializadas fábricas de Lisboa, Porto e S. João da Madeira, em calfes, camurças, vernizes e outras pelarias, nacionais e estrangeiras, em todas as cores, para senhora, cavalheiro e criança.

O calçado da Casa «UNIL» distingue-se sempre pela elegância da sua confecção

Colossal sortido de chapelaria, desde 40\$00 esc., fabricado na mais importante fábrica do nosso País

GUERREIROS: A grande marca do chapéu da actualidade, que se distingue, entre todos os outros, pela sua óptima qualidade, admiráveis modelos e briosa confecção.

ÚNICO EXCLUSIVISTA EM TAVIRA, CASA «UNIL»

Casacos confeccionados em tussor e outros tecidos, para cavalheiro, balalaicas, etc.; da afamada fabricação SLAV.

ÓPTIMA COLECCÃO DE CORTES PARA FATOS
ESPLENDIDA VARIEDADE DE SEDAS PARA VESTIDOS
INTERESSANTE SORTIDO DE MALAS, CARTEIRAS, CINTOS, SOMBRINHAS DE SEDA E ALGODÃO, para Senhoras e Crianças.

MALHAS Meias de Nylon, escolita e seda, peúgas, luvas, quimonos, fatos de banho para cavalheiro, senhora e criança, etc.

Uma camisa, uma gravata, ou qualquer outro artigo adquirido na Casa «UNIL», é significado do fino gosto da pessoa que o usa.

Visite este estabelecimento e aprecie as suas exposições todas as semanas, especialmente aos Sábados e Domingos

CASA "UNIL" TELEFONE 114
Rua Estácio da Veiga, 19-TAVIRA

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de
Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

Tipografia "Povo Algarvio"

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA — Telefone 127

Executa toda a espécie de trabalho com a máxima perfeição.

Uma maquinaria moderna ao serviço da técnica

Fabricação de Carimbos de Borracha

A casa fornecedora de algumas entidades oficiais da nossa província.

Empresa de Publicidade Algarve, L.ª

Já V. Ex.ª provaram o vinho da marca
NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, certamente passará a ser o Vosso vinho preferido.

DELICIOSO EM AROMA E PALADAR

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado.

"NAMORADO"

é a marca registada da firma J. A. Pacheco de Olhão — Avenida da República, 202.

A VENDA EM TODOS OS SEUS DEPOSITOS